



BRIAN
RECKER

Servos do Medo

COMO O TEMOR DO INFERNO
AFASTA OS CRISTÃOS
DE UMA ESPIRITUALIDADE
CENTRADA NO AMOR

**BRIAN
RECKER**

Servos do Medo

**COMO O TEMOR DO INFERNO
AFASTA OS CRISTÃOS
DE UMA ESPIRITUALIDADE
CENTRADA NO AMOR**

Tradução
Diego Frango Gonçalves

 Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright ©Brian Recker, 2025

Todos os direitos reservados, incluindo o direito de reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou forma, sem autorização prévia do detentor dos direitos autorais. Nenhuma parte desta obra poderá ser utilizada ou reproduzida de qualquer maneira com a finalidade de treinar tecnologias ou sistemas de inteligência artificial.

Esta edição foi publicada mediante acordo com a Tarcher, selo editorial da Penguin Publishing Group, uma divisão da Penguin Random House LLC.

Copyright da tradução © Diego Frango Gonçalves, 2026

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2026

Todos os direitos reservados.

Titulo Original: *Hell Bent: How the Fear of Hell Holds Christians Back from a Spirituality of Love*

Preparação: *Dandara Morena*

Revisão: *Fernanda Guerriero Antunes, Gleice Couto e Andrea Jocys*

Projeto gráfico e diagramação: *Renata Zucchini*

Capa: *Oga Mendonça*

Todos os versículos bíblicos utilizados nesta obra foram extraídos da versão Nova Tradução na Linguagem de Hoje (NTLH).

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Recker, Brian

Servos do medo : como o temor do inferno afasta os cristãos de uma espiritualidade centrada no amor / Brian Recker ; tradução de Diego Franco Gonçalves. – São Paulo : Planeta do Brasil, 2026.
272 p.

ISBN 978-85-422-4410-6

Titulo original: *Hell Bent*

1. Teologia cristã 2. Inferno – Cristianismo I. Título II. Gonçalves, Diego Franco

26-3705

CDD 230

Índice para catálogo sistemático:

1. Teologia cristã

Ao escolher este livro, você está apoiando o manejo responsável das florestas do mundo e outras fontes controladas.

2026

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Planeta do Brasil Ltda.

Av. Paulista, 854, 2º andar – Bela Vista

São Paulo – SP – CEP 01310-913

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

8 INTRODUÇÃO

PARTE I – UMA ESPIRITUALIDADE CENTRADA NO INFERNO

19 A MAIS DURA DAS VERDADES

Como o inferno é o protagonista do cristianismo

31 AME A DEUS, SENÃO...

Como uma espiritualidade centrada no inferno nos desconecta de Deus

43 DE NASCENÇA

Como uma espiritualidade centrada no inferno nos desconecta de nós mesmos

61 DOGMA, DANAÇÃO E COLONIZAÇÃO

Como uma espiritualidade centrada no inferno nos desconecta dos outros

PARTE II – DESCONSTRUINDO O INFERNO

77 SOB PRESSÃO

Desconstruindo as dinâmicas de poder do inferno

89 INFERNO NA TERRA

O que a Bíblia realmente diz sobre o inferno

111 TUDO EM TODOS

Se não existe inferno, e o céu?

131 FICANDO CURIOSO

O que não precisamos que a Bíblia diga

PARTE III – UMA ESPIRITUALIDADE CENTRADA NO AMOR

147 A COMUNIDADE AMADA

Se não existe inferno, qual o sentido da vida de Jesus?

169 JESUS CRISTO, UM INIMIGO DO ESTADO EXECUTADO

Se não existe inferno, qual o sentido da morte de Jesus?

193 PASSANDO PELO INFERNO

Se não existe inferno, o que significa nascer de novo?

205 A MESA ABERTA

Se não existe inferno, os “descrentes” precisam se tornar cristãos?

223 UM CAMINHO DE AMOR

Conectando-se a Deus, aos outros e a nós mesmos

242 AGRADECIMENTOS

245 NOTAS

253 ÍNDICE

A MAIS DURA DAS VERDADES

Como o inferno é o protagonista do cristianismo

“Hoje, a mais dura das verdades é que pessoas estão morrendo e indo para o inferno hoje.” Essas palavras ecoaram pelo cavernoso auditório da capela da Universidade Bob Jones enquanto 5 mil estudantes as recitavam juntos em um grande estrondo.

Bob Jones III, também conhecido como dr. Bob ou Triple Sticks,¹ era o presidente da Universidade Bob Jones, uma infame faculdade cristã fundamentalista de Greenville, na Carolina do Sul, nos Estados Unidos, onde eu estudava. Era costume nas pregações do dr. Bob que, durante os cultos na capela, todos nos levantássemos e repetíssemos essa frase em uníssono. Eu, pessoalmente, achava o bordão tão autoritário como mal formulado. Ficava perplexo pensando em como a palavra “hoje” era repetida sem necessidade. Se aquela frase era para ser marca registrada dele, não deveria ser mais bem formulada?

Mas, mesmo com o cinismo consciente de um filho de pastor de 19 anos que vinha ouvindo esse tipo de coisa a vida inteira, era difícil escapar do impacto daquelas palavras, que despertavam a

¹ Em tradução direta, “gravetos triplos”. O apelido é uma alusão aos algarismos romanos do nome de Bob Jones III – neto de Bob Jones e filho de Bob Jones Jr. (N.T.)

lembrança de uma crença que eu preferia manter bem enterrada. Como cristão conservador, é claro que eu acreditava no inferno. No que mais poderia acreditar? Tratava-se de uma crença fundamental para todos nós, e o dr. Bob sabia disso. Seu mantra existia para nos lembrar o que estava em jogo: tudo. E, mesmo que eu não gostasse, não cabia a mim escolher em quais partes do cristianismo deveria acreditar. Eu achava que o inferno vinha a reboque do céu, ou seja, era uma venda casada.

O EVANGELHO DO INFERNO

Não é tão fácil definir o conceito cristão de inferno. As crenças cristãs sobre o além-vida mudaram muitas vezes ao longo dos 2 mil anos da fé e ainda variam significativamente de denominação para denominação. Algumas, como o catolicismo, ensinam a existência de outras áreas pós-morte, como o purgatório; outras, como as testemunhas de Jeová, acreditam que os “descrentes” serão aniquilados e deixarão de existir.

O que todas têm em comum é o fato de o inferno ser um lugar de punição. Seja você alguém que acredita se tratar literalmente de um lugar de tormento eterno (com chamas de verdade e tudo mais) ou um estado mais figurativo de separação espiritual de Deus, o inferno é punitivo. De fato, é a pior punição possível, pelo maior tempo possível. Quando falo sobre o inferno neste livro, não tenho em mente uma visão específica; refiro-me, antes de tudo, à crença cristã geral de que Deus vai punir todos aqueles que não são verdadeiros cristãos (seja lá como cada denominação defina isso).

Sou filho de um pastor batista fundamentalista, o que significa que cresci com a versão protestante conservadora do inferno, comum no meio evangélico. Nos meus anos de formação, eu acreditava que todas as pessoas se apresentariam diante de Deus ao morrer. Deus (que eu imaginava como um homem de trezentos

metros de altura, sem rosto, brilhando em uma cadeira, por influência dos quadrinhos evangélicos *Chick Tracts*²) abriria o livro da vida e, caso o nome de alguém não estivesse lá, diria: “Afastese de mim, eu não o conheço”, e mandaria aquele pobre desgraçado direto para o inferno.

Não importava o quanto você fosse bom, com quantos bebezinhos tivesse brincado ou quantas velhinhas tivesse ajudado a atravessar a rua, não seria possível escapar do inferno por seus próprios méritos. Nenhuma boa ação bastava, porque suas boas ações estavam contaminadas pelo que chamávamos de “natureza pecaminosa”. Como ser humano, você nascia inerentemente pecador, mesmo antes de ter feito algo errado. Por padrão, estava condenado ao inferno.

A única solução era tornar-se cristão – nascer de novo. Mas, para nós, isso não significava apenas acreditar de forma genérica no cristianismo, frequentar a igreja e orar. Na verdade, significava acreditar em uma interpretação evangélica bem específica de Jesus. A parte mais importante era ter a fé de que Jesus morreu em seu lugar e foi punido pelo seu pecado. Ou você acreditava que Jesus foi punido pelo seu pecado na cruz, ou seria punido por seus próprios pecados no inferno – *alguém* precisava ser punido. Os evangélicos geralmente acreditam que não apenas algumas, mas a maioria das pessoas passará a eternidade no inferno – todas aquelas que não tiverem uma “fé salvadora” em Jesus Cristo. Era muito importante ter certeza de que você acreditava de modo correto e com sinceridade, porque a concepção evangélica de inferno é o pior destino imaginável. Você é lançado em um lago de fogo, onde queimará para sempre sem nunca ser consumido, e

² *Chick Tracts* são minúsculos folhetos evangelísticos no formato de gibi, criados pelo cartunista fundamentalista norte-americano Jack Chick nos anos 1960. Com histórias em quadrinhos focadas em julgamento divino, salvação e ameaça do inferno, eles já venderam mais de 1 bilhão de cópias no mundo todo. (N.E.)

sua alma eterna continuará existindo apenas para vivenciar a dor infinita de ter rejeitado a salvação.

Essa é a boa-nova do evangelho de Jesus Cristo. *Graças sejam dadas a Deus.*

Hoje, muitos evangélicos modernos tentam de várias formas suavizar essa imagem. Por exemplo, o recém-falecido Tim Keller, considerado um dos nomes mais intelectuais e menos alarmistas do evangelismo, acreditava que as chamas do inferno eram metafóricas, não literais. Ainda assim, deixou claro que não estava “aliviando” o inferno: “Dizer que a imagem bíblica do fogo do inferno não é totalmente literal *não traz consolo algum*. A realidade *será muito pior do que a imagem*. [...] Longe do favor e do rosto de Deus, nós nos desfaremos literalmente, horivelmente, eternamente” [grifo meu].

Sejam os detalhes literais ou metafóricos, a punição é horrenda. E precisa ser. A punição é o centro da questão.

A CARTADA DO INFERNO

“Hoje, a mais dura das verdades é que pessoas estão morrendo e indo para o inferno hoje.” O dr. Bob costumava nos fazer recitar esse mantra durante o último culto na capela antes de voltarmos para casa para o feriado de Ação de Graças, do Natal ou para as férias de verão. Ele nos preparava para regressar à nossa casa, onde era provável que encontrássemos “descrentes” entre amigos e familiares. Estava nos treinando para enxergar esses momentos pela lente da eternidade, lembrando que cada pessoa naquelas reuniões festivas tinha uma alma eterna, ou seja, elas viveriam para sempre, em algum lugar. Se esse “algum lugar” seria um espaço de tormento eterno ou de bem-aventurança eterna, era uma questão à qual deveríamos nos dedicar com afinco. Era muito da *nossa conta* aquilo em que os outros acreditavam, afinal como poderíamos di-

zer que amávamos alguém e, ao mesmo tempo, ser indiferentes à possibilidade de essa pessoa queimar por toda a eternidade? Assim, seguindo uma longa tradição de pregadores fundamentalistas, o dr. Bob dava a cartada do inferno, sabendo muito bem quais sentimentos despertaria em nós: um medo profundo, coberto por uma espessa camada de culpa.

“Quando foi a última vez que você pregou o evangelho a alguém?”, perguntava o dr. Bob. “Ou conduziu alguém em direção ao Senhor? Você não se importa com seus amigos e familiares que são descrentes? Diz que se importa, mas parece ficar convenientemente confortável quando está com eles, quase como se tivesse esquecido a verdade mais importante de todas, que é a de que, se morressem hoje, eles passariam a eternidade nas chamas flamejantes do inferno, e a verdade é que você não faz nadinha para impedir!”

O sentimento de culpa que eu sentia na igreja durante sermões assim era uma sensação tão familiar que, desde cedo, passei a associá-la à verdadeira espiritualidade. Em outras palavras, quanto mais a sério eu levava o inferno, mais eu me sentia espiritualizado. No meu íntimo, renovava meu compromisso de colocar essa dura verdade no centro das minhas ações, determinado a fortalecer minha fé e salvar a alma dos outros.

Mas não era fácil. Acreditar que a maioria das pessoas do mundo vai vivenciar um sofrimento obscuro por toda a eternidade é uma coisa difícil de manter em mente! A menos que alguém quisesse ser *muito* esquisito em público, era preciso separar as coisas. Ao acreditar no inferno, a pessoa aprendia a aceitar uma dissonância cognitiva. Pregadores furiosos gritando sermões de fogo e enxofre aos transeuntes nas esquinas das cidades podiam parecer loucos, mas estavam vivendo perfeitamente de acordo com o que acreditavam. Já eu não era assim, pois, mesmo acreditando no inferno, não passava cada momento tentando afastar as pessoas dele. À luz

de uma verdade que eu preferia manter guardada bem no fundo da mente, aqueles evangelistas de rua, tão abrasivos no social, eram muito coerentes.

Se o inferno era real, todos nós deveríamos estar falando dele aos berros.

Se você nunca foi um evangélico conservador, talvez fique tentado a pensar que eles se deleitam com a realidade do inferno ou sentem prazer em saber que todo mundo, exceto eles, está perdido. Não é bem assim. A maioria dos evangélicos não gosta de pensar no inferno, justamente por não serem sociopatas. Por infortúnio, evitar pensar nisso só nos fazia sentir *maus cristãos*. Afinal, se o inferno fosse real, deveríamos falar *mais* sobre ele, não menos. Se tanta coisa está em jogo, e se acreditássemos mesmo que todos os que não acreditavam em Jesus iriam passar pelo pior dos sofrimentos por um tempo infinito, então evitar falar do inferno seria um *ato de ódio*, não de amor.

Penn Jillette, célebre mágico e ateu assumido, viralizou em um vídeo em que apontava a hipocrisia dos cristãos que dizem acreditar no inferno, mas não falam sobre ele o tempo todo: “Não tenho o menor respeito”, disse ele. “Se você acredita que céu e inferno existem, que as pessoas podem estar indo para o inferno [...] e acha que não vale a pena contar a elas porque seria estranho em uma conversa amena [...], imagina o tamanho do ódio que você precisa ter por alguém para não tentar convertê-lo?”

Jillette estava certo, é claro, pois, se um evangélico vivesse com integridade – alinhando o comportamento à própria fé –, estaria em cima do telhado gritando o evangelho do inferno. O argumento dele expõe a dissonância cognitiva que muitos evangélicos vivenciam quando se trata da doutrina do inferno, mas essa dissonância não é o verdadeiro problema, porque ela, na verdade, aponta para algo mais profundo: um problema com a própria doutrina. Eu acredito que a maioria dos evangélicos evita pregar sobre o inferno

não porque seja algo desconfortável ou porque sua fé seja fraca, mas porque eles intuem que se trata de uma doutrina perversa que não reflete o amor de Deus.

Essa intuição está correta.

UMA ESPIRITUALIDADE CENTRADA NO INFERNO

Sendo a pior coisa que pode acontecer a qualquer pessoa, o inferno acaba ocupando todo o espaço e abafando outras prioridades espirituais. Ele suga o ar de qualquer visão positiva de espiritualidade, moldando o cristianismo à sua própria imagem punitiva.

Por exemplo, os evangélicos muitas vezes chamam as boas ações, como ajudar os mais pobres, de distrações do “principal”. Afinal, nenhuma justiça terrena é tão importante quanto impedir pessoas de irem para o inferno. De que adianta alimentar os famintos se não salvamos suas almas? Aliviar o sofrimento do mundo não significa nada se não salvarmos as pessoas do sofrimento eterno que as espera.

Esse foco no inferno não faz apenas com que evangélicos conservadores ignorem o bem-estar social; com frequência, ele os leva a se opor de modo ativo a isso. Quando eu era pastor, certa vez discuti com outro pastor que acreditava que o governo não deveria oferecer programas de assistência, pois isso tirava a oportunidade da igreja. “Se em vez do governo fosse a igreja a cuidar dos pobres”, disse ele, “isso abriria espaço para pregar o evangelho, que é do que eles precisam de verdade. O governo pode tirar as pessoas da pobreza, mas não pode salvá-las do inferno!” Não se trata de uma visão isolada – na verdade, ela é muito comum no meio evangélico. Fazer a pessoa racionalizar até se convencer a não praticar o bem em nome da própria teologia é um dos sinais de uma religião tóxica.

Argumentei com ele: “Devemos servir e amar as pessoas pelo amor em si! Se só fazemos obras de amor para salvar pessoas do

inferno, então nosso amor não é puro, e sim interesseiro!” Não sei por que fiquei surpreso com a lógica dele. É claro que nossas boas ações tinham um interesse. Como não teriam? Ao se acreditar que o inferno é real, ele sempre ditará a pauta.

Por ser uma realidade tão severa e absoluta, o inferno moldava todas as nossas prioridades espirituais. Ser um bom cidadão não precisava significar cuidar dos vulneráveis da comunidade ou acolher os marginalizados, porque bastava tentar manter o próximo longe do inferno. Isso fazia do inferno uma baita cartada fulminante. As crenças mais cruéis podiam ser chamadas de amorosas se fossem praticadas em nome de “salvar” alguém do inferno. Até mesmo a própria definição do que era amar estava envenenada pelo inferno.

Tenho uma história verdadeira e comum que exemplifica o que quero dizer. Depois de desconstruir o cristianismo evangélico, minha amiga June se assumiu lésbica aos 40 anos. Filha de um pastor evangélico, sua família já havia tido dificuldade em aceitar sua saída da igreja. Quando contou que era lésbica e planejava levar a namorada ao jantar de Ação de Graças daquele ano, o caldo do medo entornou. Eles traçaram um limite: ela não seria recebida se fosse acompanhada. June chorou demais ao telefone comigo, perguntando como os próprios pais podiam rejeitar a presença da filha no jantar festivo. “Como podem dizer que me amam na mesma ligação em que me rejeitam?”, perguntou. Respondi que não sabia se o que eu tinha a dizer a ajudaria, mas que eles certamente a amavam, o problema é que, infelizmente, a espiritualidade centrada no inferno distorce e corrompe o amor até que ele se pareça muito mais com ódio.

Essa história é familiar a muitas pessoas *queer* que têm pais evangélicos. Em nome de “salvar” os filhos do inferno, esses pais os excluíram, condenaram, deserdaram e traumatizaram. E tenho certeza de que, quase sempre, garantiram a si mesmos (e aos fi-

lhós) que o faziam por amor. Os pais de June deviam achar que aquela atitude era dura, mas necessária. Na cabeça deles, a orientação sexual dela era um “pecado não *redimido*”, o que significava que ela estava indo para o inferno. Eles se sentiam bons cristãos ao priorizar a alma eterna da filha em detrimento de sua felicidade momentânea. Deviam se sentir *muito religiosos* justo enquanto feriam o espírito da própria filha. É essa a espiritualidade que vivemos quando o inferno está nos alicerces.

Pelo modo como muitos cristãos falam de inferno e punição, seria fácil imaginar que esse é o tema central da mensagem de Jesus. Em alguns capítulos à frente, explicarei em detalhes como isso está bem longe da verdade, mas vale observar o que Jesus *realmente queria dizer* quando falava sobre algo parecido com o inferno. Quase sempre, o argumento de Jesus é o oposto exato do que os evangélicos afirmam e revela prioridades quase opostas.

Por exemplo, uma das passagens mais citadas relativas a Jesus falando do inferno é Mateus 25:46: “estes [os ímpios] irão para o castigo eterno, mas os bons irão para a vida eterna”. Mas, se olharmos o contexto, veremos que o tema não é “tornar-se cristão”, acreditar nas doutrinas corretas ou crer que Jesus foi punido em nosso lugar. Essa passagem fala de nossa conduta neste mundo, sobretudo em relação às “pessoas mais humildes” (Mt 25:45). Jesus está advertindo que, quando negligenciamos os vulneráveis e marginalizados, criamos o inferno para nós e para os outros.

Não é preciso morrer para perceber a verdade implicada nessa ideia. Basta abrir os olhos para um mundo em chamas com as mudanças climáticas, no qual a desigualdade entre ricos e pobres só aumenta, e o país mais rico da história gasta sua fortuna em bombas em vez de saúde pública. De acordo com as prioridades de Jesus, hoje a mais dura das verdades do mundo não é um inferno que nos espera após a morte. É os pobres negligenciados, os famintos sem alimento, os imigrantes recusados nas fronteiras, os

encarcerados esquecidos. É um inferno feito por nós, aqui e agora. Jesus não era um “servo do medo” obcecado em salvar almas para a vida após a morte; o que ele queria era trazer a inteireza e o amor de Deus para *este* mundo, para *este* lado da eternidade.

Mas a doutrina evangélica do inferno torna quase impossível ter as mesmas prioridades de Jesus. O inferno tem a força gravitacional de um buraco negro, sugando e esmagando sob seu peso todas as demais prioridades. O que sobra é uma espiritualidade centrada no medo, não no amor, voltada para o pós-vida à custa da vida presente.

Ao começar a destrinchar o impacto dessa doutrina no meu próprio desenvolvimento espiritual, percebo que o medo e a desconexão foram cimentados na base da minha fé desde o início, prejudicando minha relação com Deus, com as pessoas e comigo mesmo. E vejo que o mesmo vale para muitas pessoas, vindas das mais diversas tradições cristãs e também trilhando os próprios caminhos de desconstrução.

Para aqueles de nós criados dentro desse tipo de espiritualidade, seja ela evangélica ou não, há muito trabalho a ser feito. Se quisermos reconstruir uma relação saudável e conectada com Deus, conosco mesmos e com os outros, precisaremos primeiro desconstruir a espiritualidade baseada no medo, que tanto estrago nos fez.

Existe uma profunda lacuna no centro da espiritualidade cristã: a doutrina do inferno. Por

mais que tentemos acreditar em um Deus amoroso, o medo da condenação eterna parece estar sempre à espreita, distorcendo nossa compreensão do que significa amar. Pior ainda, muitas igrejas agem como se o propósito do cristianismo não fosse seguir Jesus, mas garantir a própria salvação e convencer outras pessoas a adotarem a mesma fé. Para muitas pessoas, a narrativa cristã acaba tendo a punição como elemento central. Mas será que a Bíblia realmente ensina que seremos condenados se não fizermos ou acreditarmos nas coisas “certas”?

Neste livro provocador e transformador, o ex-pastor evangélico Brian Recker faz uma análise honesta das Escrituras para revelar uma verdade que, segundo ele, esteve presente o tempo todo: o inferno não é um lugar real, e o amor universal de Deus é radicalmente inclusivo, tanto nesta vida quanto na próxima.

É hora de redescobrir a espiritualidade da forma como Jesus a ensinou: amar a Deus e amar o próximo como a nós mesmos. Seja você cristão, uma pessoa que saiu da igreja ou alguém que esteja questionando as próprias crenças, *Servos do medo* oferece uma reflexão acolhedora e libertadora. Um recurso valioso para transformar o medo, a culpa e as feridas causadas por experiências religiosas em um caminho de cura, paz e amor.



Planeta



9 788542 244106